Djacir de Lima Menezes

# Discurso proferido pelo professor Vladir Menezes*

Oportuna a iniciativa do eminente Deputado Professor Teodoro Soares, ao propor e ter aprovado, nesta Casa Legislativa, a justa homenagem que ora se presta ao insigne cearense Djacir Menezes, por ocasião de seu aniversário de nascimento. No ensejo, agradeço em nome da família envaidecida, a honraria que é prestada a um dos mais ilustres cearenses do todos os tempos.

Estaria faltando com a "natural" modéstia de todos os vaidosos? Respondo com outra indagação: Não seria a falsa modéstia uma vaidade enrustida? E a verdade não tem maiôs termos: ou é ou não é. Fico, pois,

* Discurso proferido pelo Professor Vladir Menezes, na sessão solene, em 5 de dezembro de 2007, no plenário da Assembléia Legislativa do Ceará, proposta pelo deputado professor Teodoro, em homenagem ao centenário de nascimento de Djacir Menezes

com a sentença aristotélica: *Amicus plato sed magis amica veritas* (Platão é meu amigo, mas a verdade é mais minha amiga). Assim vejo a postura do eminente Deputado Professor Teodoro: movido não apenas pela admiração ao mestre, mas, sobretudo, almejando fazer justiça, tirando do ostracismo uma cearense que, a par de seus méritos intelectuais e morais, amavam e jamais se olvidou de rincão natal. Djacir Menezes, no Ceará, por esse Brasil afora e além fronteiras, honrou sua terra e suas origens.

Numa de suas incontáveis estadas por estas plagas, orgulhoso da realidade e da grandeza da Universidade Federal do Ceará, não se conteve: "Hoje não sairia do meu Ceará".

De volta ao magistério, após ter cumprido honrosamente, o mandato de Reitor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ouvia, atentamente na Faculdade de Direito, mestres destacarem os seus títulos de Doutor Ph.D. em Harvard, Sorbone e outras congêneres famosas.

Provocado pelo ex-Reitor e professor Pedro Calmon para apontar onde fizera seus cursos, respondeu bem-humorado: "Tudo o que eu ensino a esses meninos eu aprendi no meu Ceará". A refutação provocou sonora gargalhada de Pedro Calmon e sorrisos contrafeitos de alguns.

Mas quem foi Djacir Menezes?

Filho de Paulo Elpídio de Menezes e de Oda Freire de Lima Menezes, ele natural de Crato e ela de Iguatu, casados em Quixadá, em 23 de setembro de 1900. Ainda no mesmo ano, passaram a residir em Maranguape, onde tiveram quatro filhos – Moacir, Jandira, Djacir e Paulo – os dois primeiros falecidos em tenra idade.

Djacir Menezes fez o curso de Humanidades no Liceu do Ceará, de 1921 a 1925, Nesse período, seu pai Paulo Elpídio, despertou-lhe o gosto pelas boas e salutares leituras. Sim, aos quatorze anos, lia com desenvoltura, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Emile Zola, Gustave Flaubert, Voltaire e tantos outros mais, vistos pela Igreja como nocivos.

Aos dezesseis anos, escrevendo fluentemente, foi redator do Jornal *Diário do Ceará*, fundado e dirigido, em 1924, pelo jornalista e professor Júlio de Matos Ibiapina, como o objetivo de combater o ban-

ditismo político, os que enriqueceram através de meios ilícitos contra a economia popular. O Ceará foi um grande veículo divulgador das idéias revolucionárias de 1930.

Nessa época, tornou-se grande amigo de Rachel de Queiroz, também militante na imprensa local e sua futura companheira no Conselho Federal de Cultura, ambos nomeados pelo inesquecível patriota Humberto de Alencar Castelo Branco. Eleita para a Academia Brasileira de Letras, Rachel o visitou para dizer de sua vontade em vê-lo na Academia. Djacir, homem simples, mas não chegado a rituais de beija-mão, tão a gosto dos "imortais", agradeceu à amiga dizendo-lhe que a Academia já era uma página virada em sua vida. E nunca mais pensou ou falou naquela instituição cultural.

Voltemos ao ano de 1926, quando Djacir Menezes ingressou na Faculdade de Direito do Ceará. Ainda no terceiro ano, transferiu-se para a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, onde bacharelou-se em 1930.

Retornando ao Ceará, cursou doutoramento na Faculdade de Direito do Ceará, nos anos de 1930 e 1932.

No ano seguinte, 1933, então com 26 anos, foi convidado pelo Barão de Studart para ingressar no Instituto do Ceará. Na ocasião, o Barão, foi pressionado por vetustos membros daquela Casa, que postulavam a indicação de um conhecido Desembargador, mais experiente que o jovem candidato do Barão. O Barão que, através de seu enteado, professor José Sombra, lera o problema da realidade objetiva, uma crítica às tendências idealistas da filosofia moderna, editada no ano anterior, firmou-se e fez eleger Djacir Menezes, empossando-o a 20 de maio daquele ano.

No Ceará, Djacir Menezes jamais perdeu qualquer reunião de seu Instituto. Sessenta e três anos depois, àquele Sodalício, em pérfida manobra, não permitiu a eleição para sua vaga, de seu candidato "in pectore".

Em 1938, opôs brilhante concurso, tornou-se professor catedrático de Introdução às Ciências Econômicas do Ceará, funcionando em prédio de propriedade de seu sogro, José Raimundo Pontes, cedido sem nenhum ônus.

Em 1941, seu companheiro do Instituto do Ceará, Waldemar Falcão, então ministro do Trabalho, convidou-o a transferir-se para o Rio de Janeiro, onde foi membro do Conselho Nacional do Trabalho.

No ano seguinte, 1942, tornou-se por concurso, catedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, regendo a disciplina de Economia Política e História das doutrinas econômicas.

Em 1945, prestou novo concurso para Universidade do Brasil, desta feita para a Faculdade de Economia e Administração.

Em 1953, foi convidado pelo Ministério das Relações Exteriores para dirigir a Sessão Didática do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura de Buenos Aires.

No ano seguinte, 1954, firmou-se o Centro de Estudos Brasileiros em Buenos Aires, onde foi seu primeiro Diretor, ministrando a disciplina de Literatura Brasileira. Em sua aula inaugural apresentou dois mapas: um do Brasil e outro do Ceará. Apontando o do Brasil destacou o seu Ceará: no outro, Maranguape, acrescentando, "Aqui a cidade onde nasci".

Djacir Menezes se orgulhava de suas origens. Intitulava-se o "jagunço da Praça do Ferreira". Em Fortaleza dividia-se tomando cajuína com os pais, nos encontros com os amigos na Praça do Ferreira e na Praça da Livraria Imperial de Clóvis Mendes, visitas às faculdades de Economia, por ele fundada, de Direito e o Instituto do Ceará.

Em 1958 fundou o Instituto Cultural Boliva-Brasil, em La Paz.

No ano seguinte, 1959, regeu a cadeira de Literatura Brasileira na Universidade Nacional Autônoma del México.

Diretor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1960 e 1964.

Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1969.

Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período 1969 a 1973.

Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1978.

Os últimos cinco anos de sua vida passou-os em seu apartamento em Copacabana, cercado, tão-somente, pela sua valiosa biblioteca e um neto que o assistiu e o acompanhou, pacientemente, em sua senilidade, agravada pela esclerose que, lamentavelmente, o alienou, afastando-o da realidade.

As obras de Djacir Menezes estão inseridas nos mais diversos campos do saber: filosóficas, sociológicas, didáticas e literárias. Mais de cinqüenta livros, além de incontáveis artigos e ensaios publicados em

revistas e imprensa nacional e internacional. O Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, de Salvador-Bahia, apresentou uma publicação, em 1968, com a relação de todas as obras de Djacir Menezes.

Por oportuno, lembro sua última obra – *Premissas do Culturalismo Dialético*, os componentes de um pensamento filosófico, que coroou, com chave de ouro, a elaboração intelectual de Djacir Menezes.

O professor Antônio Paim, na introdução às *Premissas*, sentencia: "Vê-se que Djacir Menezes pretende firmar-se de maneira sólida num monoismo de inspiração hegeliana, radicalmente oposto tanto ao de tipo mecanicista – decorrência genealógica do bilogismo do século XIX – como ao materialismo, em que Marx pretende ter ancorado". E, mais adiante: Djacir Menezes, ao contrapor-se a toda a forma de irracionalismo, busca sem dúvida alguma um novo racionalismo. Sua obra é marcada pela confiança (talvez preferisse dizer esperança) na Razão. Acredita na solução racional dos problemas humanos.

Djacir Menezes abre o livro traçando o seu itinerário de professor. É taxativo: "Já me declarei um herético diante das forças espirituais que dispõem das chaves da bem-aventurada religiosa desde a adolescência". Fala da "angustiada reflexão agostiniana sobre o tempo", achando-o "suficientemente atormentado para refundir o pensamento aristotélico".

Djacir Menezes, herético, hegeliano convicto, falecido em 8 de junho de 1996, teve sua vida e sua obra pautada na Razão, acreditando, firmemente, na solução racional dos problemas humanos sem auréolas místicas. Merece, em face de sua monumental obra, ter sua memória respeitada e preservada pelos pósteros.

Muito obrigado.